

operações em 50% até 2030, diz Busatto

Perfil



FOTOS: FÁBIO CORRÊA/JC

Leonardo Maranhão Busatto assumiu como diretor de Planejamento do BRDE em 1º de agosto de 2023. É economista graduado pela Faculdade de Ciências Econômicas da Ufrgs e tem trajetória de quase 20 anos no serviço público. É mestre em Economia do Desenvolvimento pela Pucrs e pós-graduado pela Ufrgs como especialista em Administração Pública Eficaz e pela George Washington University (Theory and Operation of a Modern National Economy). Ingressou na

Secretaria Estadual de Planejamento em 2006 e, no ano seguinte, assumiu como auditor fiscal da Secretaria Estadual da Fazenda do RS. Em 2015 e 2016, atuou como subsecretário do Tesouro do Estado. Em janeiro de 2021, assumiu a Secretaria Extraordinária de Parcerias, cargo que ocupou até comandar a Secretaria Estadual da Fazenda do RS entre agosto e dezembro de 2022. Atuou também como secretário da Fazenda de Porto Alegre de janeiro de 2017 até abril de 2020.

do governo federal, e opera recursos do BNDES, às vezes com um subsídio, como a questão do Fundo Clima, alguma questão do Brasil Soberano, que é esse recurso do BNDES para poder apoiar as empresas exportadoras, e recursos da Finep, que também é recurso subsidiado; o Fungetur, que é recurso para turismo. Então, esses recursos que a gente chama de subsidiados, eles acabam não tendo um impacto - pela elevada taxa de juros - tão grande diretamente. Indiretamente, sim, porque quando o governo federal anuncia o Plano Safra, quanto maior o juro, menos (recursos para o) Plano Safra tem. Por outro lado, o BRDE também tem recursos que a gente chama a custo de mercado, que a gente capta no mercado e, como todo banco, capta a custo de Selic. Então, ele é Selic mais alguma coisa. Quando a gente tem uma taxa Selic menor, o custo para o cliente na ponta, obviamente, é menor.

JC - O endividamento do agronegócio gaúcho prejudica as

operações do banco no RS? No Congresso, se debate a securitização do agro. Havendo alguma medida neste sentido, as operações do banco podem aumentar?

Busatto - Sim. E por quê? O agro está muito endividado. Então assim, não é que o produtor não consiga plantar. Ele muitas vezes consegue plantar, mas não consegue investir para aumentar a produtividade. Por exemplo: a questão da compra de maquinário novo, investimento em novas instalações, armazenagem, irrigação. A gente está batendo às vezes recordes de produção, mas não de produtividade. Por quê? Porque o produtor não consegue ter capital para investir na produtividade, que é um fator relevante se a gente olha Santa Catarina e Paraná. Irrigação, que é um tema sempre. Um fator principal de mitigação (dos prejuízos) é a irrigação, e é um custo elevado. Obviamente que se paga, a produtividade se paga. Mas como é que vou financiar irrigação se não tenho como pegar agora dinheiro

paranaense, catarinense, por mais que tenha seca e tenha tido enchente, ele não sofre a recorrência que a gente tem aqui. Então obviamente a questão climática é uma questão que está dada. E tem uma característica também importante: o nosso agro é formado mais por pequenas e médias propriedades. O agronegócio do Centro-Oeste é só latifúndio, grandes produtores. E aí vem a visão, às vezes, com razão: 'o pessoal só chora, o cara anda de jatinho'.

JC - Quais as perspectivas do banco para os próximos anos?

Busatto - A gente sempre tem um planejamento de cinco anos, e a nossa meta é sempre bater o ano anterior. Primeiro, a gente sempre imagina uma tranquilidade maior no País em função, ou não, das eleições. Então assim, tem uma certa previsibilidade. Independentemente de quem ganhe, pelo menos tu sabes que a linha de atuação é aquela durante quatro anos, então isso tira um pouco da ansiedade do investidor de não saber como se posicionar. A gente também tem trabalhado, que é uma perspectiva positiva, nesse novo cenário de reforma tributária, que vai mudar uma lógica que acho que nem todo mundo se deu conta. A disputa por novos investimentos nos estados, a chamada guerra fiscal, ela não vai mais poder se dar através de isenção de impostos ou redução de carga tributária, que o RS sofreu muito, e todos os estados sofrem, mas estamos aqui na ponta. (A disputa por novos investimentos) vai começar a ter que se dar de outras maneiras. Obviamente questões variáveis competitivas, como mão de obra, área, energia, coisas que o RS tem uma vantagem. Mas, a partir deste momento, a forma de ter empresas vai ter que ser através de subsídios ou de crédito subsidiado para as empresas, que o Norte e o Nordeste já fazem há muitos anos com os fundos constitucionais, e que agora tem a discussão do Fundo do Sul, que é uma discussão absolutamente relevante, e existe uma sinalização de eventualmente termos algum avanço esse ano. Mas, mesmo assim, com a reforma tributária, os estados vão ter que começar a atrair empresas através de crédito subsidiado. E o fato do Estado ter hoje três agentes financeiros - Badesul, BRDE e Bannisul - que podem operar, isso pode ser uma variável estratégica positiva, porque de 2027 até 2031, não vai ter mais subsídio tributário, redução de impostos.

JC - Em relação ao volume de investimentos, tem alguma meta

para o próximo período?

Busatto - A gente tem uma meta, que é ousada, e a gente sabe que ela é crescente. Se o nosso planejamento estratégico, de 2026 a 2030, a gente pretende neste horizonte de tempo aumentar em 50% as nossas operações. É um desafio, porque se eu estou falando de R\$ 5 bi pouco, estou chegando a quase R\$ 9 bi.

JC - Hoje a maioria das operações do BRDE são subsidiadas?

Busatto - Sim, são. Isso é muito atrelado à taxa de juros: quanto mais alta a taxa de juros, maior o percentual de recursos subsidiados. No último dado que nós tínhamos, cerca de três quartos do nosso crédito é subsidiado, e um quarto não é. Agora, com a taxa de juros, a gente não fechou, mas observando as operações, a gente deve estar passando de 80% (das operações subsidiadas).

JC - E, com a reforma tributária, a tendência é que as operações subsidiadas aumentem?

Busatto - A tendência é que boa parte disso aumente. Porque o que a gente sempre diz, e eu tenho dito como economista e também olhando o lado do banco, é que, na verdade, o que nós deveríamos ter não era crédito subsidiado; era ter um juro mais baixo para não precisar ter (crédito subsidiado). Imagina se a gente tivesse um juro no Brasil de 8% ao ano - que para o Brasil é muito baixo, mas para o mundo é muito alto -, talvez boa parte desse crédito subsidiado não precisasse existir. Porque eu estou falando de um crédito subsidiado, por exemplo, do Fundo Clima, que é uma taxa de 10,5% ao ano subsidiado. Se eu tivesse uma taxa de 8%, ainda colocando o spread dos bancos, estaríamos empatando, então não precisaria nem ter.

JC - O BRDE completou 65 anos. Qual o legado até agora?

Busatto - O BRDE é uma instituição única no Brasil e eu diria quase no mundo -, porque ele é um banco subnacional, ou seja, um banco que não é nacional, mas que ele não é só de um estado. Tenho certeza que hoje nem deixariam criar (o BRDE), os órgãos reguladores. Então, uma visão daquele momento, que hoje ainda continua sendo muito válida, de que as instituições nacionais, como o próprio BNDES, acabam tendo uma visão nacional e não regional, e, obviamente, às vezes direcionando recursos para regiões que precisam mais. E esse legado da visão regional permitiu ao BRDE, que eu acho que é a grande fortaleza dele ao longo do tempo, entender as necessidades de cada estado e se adaptar a elas.